



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE GEO-HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**A CRÍTICA AO ABANDONO A INFÂNCIA: NA OBRA
MUSICAL DE CHICO BUARQUE.**

FRANCISCA DARIZE DE LIRA SANTOS.

**GUARABIRA - PB
2006**

FRANCISCA DARIZE DE LIRA SANTOS.

**A CRÍTICA AO ABANDONO A INFÂNCIA: NA OBRA
MUSICAL DE CHICO BUARQUE.**

Monografia apresentada ao Curso de História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciado (a) em História.

Orientador (a): EDNA NOBREGA ARAÚJO.

GUARABIRA - PB
2006

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237c Santos, Francisca Darize de Lira.

A crítica ao abandono a infância [manuscrito] : na obra musical de Chico Buarque / Francisca Darize de Lira Santos. - 2023.

33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,
2023.

"Orientação : Profa. Ma. Edna Nóbrega Araújo,
Coordenação do Curso de História - CH. "

1. Infância. 2. Música. 3. Chico Buarque. I. Título

21. ed. CDD 372.89

FRANCISCA DARIZE DE LIRA SANTOS

**A CRÍTICA AO ABANDONO A INFÂNCIA: NA OBRA
MUSICAL DE CHICO BUARQUE.**

Monografia apresentada ao Curso de História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciado (a) em História.

Aprovada em: 18/03/2006

COMISSÃO EXAMINADORA:

Edna Maria Nóbrega Araújo

Prof. Ms. Edna Maria Nóbrega Araújo
Orientadora

Joedna Reis de Meneses

Prof. Dra. Joedna Reis de Meneses
Examinadora

Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega

Prof. Ms. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega
Examinadora

A meus pais com amor.
A minhas irmãs com gratidão.
A minha filha, com alegria e esperança.
Ao meu Marido com carinho.
E a Rafaela Alves (in memória), vítima da violência contra
infância.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus a que confio minha vida.

Agradeço a minha família, meu pai por suas cobranças e estímulos, a minha mãe que me ajudou sendo forte e me repreendeu nos momentos em que quase desisti desta caminhada, a minhas irmãs que me ajudaram, nos menores detalhes e que foram essências, meu marido e minha filha que me dão força para concluir este trabalho, em especial a professora Edna.

Agradeço também a todos os meus professores por terem me preparado e me transformado em uma cidadã consciente do meu papel social.

Um dia você aprende.....

Aprende que há mais dos seus pais em você do que você supunha. Aprende que nunca se deve dizer a uma criança que sonhos são bobagens, poucas coisas são tão humilhantes e seria uma tragédia se ela acreditasse nisso.

RESUMO

Com a revolução documental a música passou a ser uma fonte indispensável para quem quer estudar as classes marginalizadas da história. O presente trabalho objetiva promover uma reflexão sobre a situação de abandono em que se encontra a criança no Brasil através da música de Chico Buarque. Nesse sentido o trabalho analisa a construção do conceito de infância ao longo da história através de trabalhos historiográficos sobre o tema, nos quais se apresenta uma construção sócio-histórica do sentido de infância. Chico Buarque ao analisar a infância o fez de várias maneiras, inclusive de forma crítica social, denunciando os problemas da infância que vão se repetindo ao longo dos anos.

Palavras-chaves: Infância – música – Chico Buarque

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPITULO I – INFÂNCIA UMA CONSTRUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA.....	12
1.1 A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE INFÂNCIA.....	12
1.2 O SENTIMENTO DE INFÂNCIA NO BRASIL.....	14
CAPÍTULO II – CRITICA SOCIAL A INFÂNCIA NA OBRA MUSICAL DE CHICO BUARQUE.....	21
2.1.A CRITICA SOCIAL NA OBRA DE CHICO BUARQUE.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

Sons e ruídos fazem parte do nosso cotidiano e na maioria das vezes não tomamos consciência disto. Eles fazem parte da trilha sonora de nossas vidas, diariamente, manifestando nas nossas experiências individuais e coletivas. Quando estes ruídos estão sobrepostos uns a os outros de forma harmônica e aliados a ritmos e timbres, chegam ao os nossos ouvidos de forma harmônica denominamos música. As escolhas dos sons, escalas e melodias feitas por certa comunidade são produtos de opções, relações e criações culturais e sociais ganham sentido para nos na forma de música. A música é a forma artística que trabalha ritmos, gênero, sons, etnia, relações humanas, realidade social, ou seja, ela tem a facilidade de trabalhar todos os problemas sociais, e de alcançar públicos de classes sociais variadas.

Com a historia nova ocorreu uma revolução documental que permitiu a ampliação do conceito de documento e retirou sua pesada pretensão objetiva positivista, a produção historiográfica, tem dado voz a uma diversidade de fontes, estas fontes trazem pequenas referências na tentativa de reconstruir o passado. A música surge como um interessante documento. Pelo fato de representar a voz de setores marginalizados e silenciados pela historia. A produção musical é muito rica e pouco explorada neste sentido.

É justamente pelo fato de tratar do cotidiano, que através da música podemos conhecer pontos obscuros da historia das classes populares, através dela podemos perceber como um tema foi abordado em determinado momento da história mesmo quando ele for esquecido. Mas ao utilizarmos a música como documento devemos observar que o compositor observa o ambiente em que vive, e a experiência do cotidiano, e neles procura substância para compor suas canções. Ele usa experiências vividas no dia-a-dia como matéria prima. E os sujeitos que ouvem podem tomar as experiências como suas ou rejeitá-las, havendo uma troca entre o compositor e o ouvinte.

O que denominamos de música, portanto, pressupõe condições históricas especiais que na realidade criam e instituem as relações entre som, criação musical, instrumentista e o consumidor. Este processo vai estar extremamente relacionado à subjetivação do sujeito, ele não é apenas um receptor da mensagem, ao recebê-la ele faz suas próprias representações dela. A subjetividade é moldada através da sociedade e a cultura, na qual esta inserida o sujeito. A música funciona como elemento construtivo deste processo.

Um exemplo destas propriedades contidas na música poder ser dada durante os anos da ditadura militar, a música veio a ser utilizada para ocultar situação política vigente, através da censura da críticas inseridas nas canções, pois ela também era usada como instrumento de luta contra a repressão.

Mas a música não é apenas poesia e beleza também há por traz dela uma indústria fonográfica, altamente lucrativa, e os meios de comunicação como radio e televisão que também tem lucros através delas. As propagandas, programas, novelas, e o reality shows, têm uma trilha sonora dirigida ao mercado consumidor, até alguns meses atrás os comícios políticos também usavam como atrativos os Shows de cantores populares. Ela também está sendo usada em sala de aula, com o intuito de tornar as aulas mais instigantes e produtivas.

A música brasileira traz uma diversidade de ritmos, música e compositores com temas sociais, que conjugam o período em que foram compostas, suas inquietações políticas e sociais, a música popular brasileira – MPB- traz estas características, e deve ser olhada como um objeto de pesquisa vasto, a ser problematizado e explorado.

Em meio a tantos temas, abobadados pela música encontramos também a infância, ela é apontada de varias formas, nas lembranças do passado, em relações sentimentais que se reportam a o passado para falar do presente, direcionada a criança explorando seu mundo da imaginação. Ou, retratando o dia-a-dia da vida das crianças.

Nesse sentido a música surge como importante fonte de pesquisa e de reflexões para muitas questões levantadas sobre a infância a o longo da história. Neste trabalho analisaremos a infância, através das canções de Chico Buarque.

Antes de analisarmos as canções buscaremos primeiro tentar entender o sentido de infância, no primeiro capítulo, faremos isto analisando alguns trabalhos historiográficos sobre o tema, todos os trabalhos, partem de uma construção sócio-histórica do conceito de infância.

Ao trabalharmos as canções de Chico, escolhemos dentre um universo rico e variado de canções, com temas infantis, as que relatam a situação de abandono e desrespeito para com as crianças, observado por Chico a o direciona seu olhar crítico social para a infância.

Contudo deixaremos de analisar uma série de outras canções, as quais não fazem uma crítica social tão forte, é o caso de todas as músicas do disco *Os Saltimbancos; Bicharia, O Jumento, Um Dia de Cão, A Galinha, História de Uma Gata, A Cidade Ideal, Minha Canção, A Pousada do Bom Barão, A Batalha, Esconde-Esconde, Todos Juntos e Bicharia*, e o disco composto por ele para *Os Saltimbancos Trapalhões*, filme que trouxe; *Piruetas, Hollywood, Alô, Liberdade, A Cidade dos Artistas, Rebichada, Minha Canção, Meu Caro Barão, Todos Juntos, História de Uma Gata*, todas compostas com o intuito de aguçar a imaginação infantil. A outras canções também que se referem à infância para, falarem do presente; *Até o Fim, Flor da Idade, Imagina Só*, e outras mais. A também *Léo* que está fora de sua discografia. E *Ciranda da Bailarina*, composta para o disco *O Grande Circo Místico*, ou *Doze Anos* composta para a *Opera do Malandro* que fala de saudades da infância.

Como havia dito antes a obra musical de Chico é muito variada, portanto exigindo de nossa parte uma filtragem na escolha das músicas no segundo capítulo trabalharemos: *Pivete, O Meu guri e Brejo da Cruz*, apesar de terem sido compostas há alguns anos, tratam de problemas atuais em relação à infância, presenciados por todos nós ainda hoje.

CAPITULO I

INFÂNCIA UMA CONSTRUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA

1.1- A construção do sentido de infância.

É bom ser criança,
Ter de todos atenção.
Da mamãe carinho,
Do papai a proteção.
É tão bom se divertir
E não ter que trabalhar.
Só comer, crescer, dormir, brincar.
(*É Bom Ser Criança*, Toquinho 1987)

Esta é forma como nos relacionamos hoje com a criança dedicando-lhes atenção e protegendo-os, mas esta relação entre adultos e crianças sempre foi assim? Atualmente definimos infância como um período de crescimento do ser humano que vai do nascimento até a adolescência, ou seja um período específico pelo qual todos os indivíduos passam. Não podemos negar que nascemos bêbes e nos tornamos crianças até um determinado período. Mas a infância foi vista sempre desta maneira? As pessoas sempre dedicaram atenção carinho e amor, do mesmo modo como dedicam hoje as crianças? Qual era o papel delas nas sociedades que nos antecederam? Em busca destas repostas vamos analisar alguns trabalhos que falam sobre o tema.

Considerado por muitos o precursor da história da infância, Philips Ariès, em sua obra *Historia da criança e a familia*, afirma que nem sempre existiu um sentimento de infância, para ele desde a antiguidade até a idade média a criança foi vista como um ser incompleto, insuficiente e inferior, sem juízo ou razão, elas deveriam serem moldadas para a vida adulta, cabia aos adultos esta tarefa de transmitir-lhes cultura e os ideais da sociedade, na qual elas estavam inseridas, nestas “almas imperfeitas”, ou seja, adultos inacabados. No final da idade média é que segundo ele vai surgir um sentimento de infância, que até então não havia, primeiro com a família ao mimar a criança e depois com o meio intelectual eclesiástico que acreditavam que a criança devia

ser conhecida para corrigir suas imperfeições. A partir deste momento a criança começa a ter um papel central no meio familiar.

Este processo de valorização da infância constituiu-se entre os séculos XVI e XIX. As crianças tornaram-se fonte de distração e lazer com sua graça e ingenuidade, ao mesmo tempo que se tornaram objeto de estudo da psicologia e de preocupação moral, com o intuito de fazer delas adultos racionais, implantando-lhes razão, o qual era feito através de cuidados que passaram a ser direcionados para elas voltadas para higiene, saúde e disciplina presentes nas escolas.

Ariès, deu uma importante contribuição sobre a história das crianças, mas foi amplamente criticado ao afirmar que não existiu um sentimento de infância na antiguidade e na idade média, também foi criticado pelo fato de ter generalizado em sua construção da concepção de infância, por sua pesquisa fundamentar-se em fontes de famílias ricas e ao dizer que o sentimento de infância surgiu principalmente no seio destas famílias, marginalizando as camadas mais populares. Contudo sua tese estimulou vários pesquisadores a buscar outras alternativas e formular suas próprias questões.

Colin Heywood, em seu livro *Uma História da Infância*, criticou esta afirmação de Ariès, classificando-o de simplista, justificando que o estudo de Ariès não abrangeu todas as camadas sociais, Colin diz ter havido sim um sentimento de infância e que estes se alternaram conforme tempo e lugar. Para ele o sentimento de infância move-se por “linhas sinuosas”, se na idade média a criança era considerada impura, no século XX ela também foi vista da mesma forma. Para ele desde a idade média a infância é discutida e alguns temas foram abordados: o de impureza e inocência, o inato e o adquirido, independência e dependência, idade e sexo, estes temas foram usados para caracterizar as crianças, e os debates assumiram uma forma cíclica, mas sempre prevaleceu, uma imagem da criança como impura, o que favorecia aos pais interessados que as crianças trabalhassem. Para ele até o século XIX, considerava-se que a criança saía da infância para a idade adulta, ou seja, a criança passava a ser adulto no momento que alcançasse independência.

Quanto à educação escolar ele acredita que houve uma aceitação de que ele deveria ser prolongado até a adolescência, para ele em determinados momentos da história. Em locais diferentes as pessoas tiveram sentimentos de proteção em relação à criança.

Colin procurou estender sua pesquisa a outras camadas sociais. Mas em sua obra em alguns momentos ainda persiste uma visão hierárquica do sentimento de infância assim como Áries, e na relação adultos e crianças, de que o sentimento de infância também parte das classes rica para as populares.

Tanto a visão de Ariès como a de Colin, seguiram uma linha sócio-histórica da infância, para eles o sentimento de infância irá ser construído pelas sociedades, cada sociedade vai desenvolvê-lo a seu modo, para Colin a vários significados dependendo das modificações sociais ocorridas por determinações culturais e na estrutura social.

Áries discutiu apenas a infância na Europa, Colin baseou sua pesquisa levando em consideração, os países europeus, e os Estados Unidos. Ambos ignoraram a existência do hemisfério sul, como se nós não existíssemos, ou seja, ele não levou em consideração nossas diferenças sociais culturais e econômicas, ou seja, não considerou os diferentes processos históricos vivenciados por nós. Ambos os trabalhos deixaram a desejar no que diz respeito os países subdesenvolvidos.

1.2- O sentimento de infância no Brasil.

Oh! Dias de minha infância!
Oh! Meu céu de primavera!
Que doce à vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez de mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!
(ABREU, 1857, p.14)

O trecho do poema de Casimiro de Abreu relata a relação de carinho existente entre o menino e sua mãe, ele viveu entre 1837 até 1860. Filho de comerciante rico não tinha que trabalhar para ajudar sua família o que não ocorreu com a maioria das crianças que foram contemporâneas a ele. A o relembrar sua infância ele no instiga a tentarmos compreender como foi que se deu o sentimento de infância no Brasil. Será que todas as crianças foram tratadas da mesma maneira? Como eram os dias de infância de crianças pobres? Na busca de reconstruir a história das crianças no Brasil alguns intelectuais já discorreram sobre o tema, e este ganhou ênfase a partir da escola nova.

Gilberto Freyre, em meados do século nos convidou a pensar sobre a infância brasileira, inovando em relação à temática e as fontes utilizadas, mostrou um pouco do cotidiano da criança da casa grande e da criança escrava.

A infância aqui no Brasil, passou a ter maior visibilidade no final do século XIX e início do século XX, a partir das teorias defendidas pelos médicos higienistas.

[...] A partir de meados do século XIX, por meio das instituições de ensino e de um aparato educacional e correccional, as crianças e jovens tornaram-se objetos de saberes e discursos científicos baseados nas teses médicas, jurídicas, pedagógicas e psicológicas. (SCHULER, p. 81)

Em seu trabalho, *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar*, Margareth Rago diz haver uma redefinição de infância pelo saber médico, elevando à criança a figura central da família, ela começou a ser preparada para vida adulta. Com o intuito de higienizar a cidade o saber médico também se dirigiu as crianças abandonadas e pobres que perambulavam pelas ruas, criando instituições disciplinares com o intuito de retirar das ruas aquelas pequenas que incomodavam com furtos e roubo, as elegantes senhoras que saíam as compras.

Margareth Rago mostra que a criação dessas instituições passava-se não apenas pela a formação de mão-de-obra para a indústria, mas,

a preocupação policial de luta contra a vagabundagem e a pequena criminalidade urbana esteve na origem de criação de instituições de seqüestro da infância, antes mesmo da preocupação econômica de formação de novos trabalhadores para a industria. (RAGO, 1985, p.112)

No entanto, nas instituições estes menores aprendiam uma profissão e passavam a atuar nas oficinas e indústrias que precisava de trabalho especializado, sobretudo após a abolição da escravidão.

Na passagem para o século XX, ao contrário dos períodos anteriores, vai se firmando uma prática diferenciada de atendimento à criança, na qual a assistência é apenas um traço tênue e a educação vai assumindo um lugar determinante. Nessa nova prática se consolida cada vez mais uma nova noção: 'educação pelo trabalho e para o trabalho' noção essa em pleno acordo com a consolidação do novo tempo do trabalho. (TRINDADE, p. 53)

Outro trabalho de suma importância para quem deseja trabalhar com infância é *História da Infância no Brasil*, onde, Mary Del Priore através de diversos autores levantou vários aspectos sobre o tema. São artigos abordando de forma pluralista questões referentes ao abandono, a criminalidade, as brincadeiras, o adestramento físico e mental, o trabalho infantil e as políticas públicas.

Priore levanta o problema da educação no Brasil desde o período colonial, no qual as crianças eram excluídas das escolas jesuítas que “eram poucas e sobre tudo para poucos”¹¹ e o objetivo delas era o de catequizar órfãos e curumins. Na época da independência as crianças ricas eram educadas por preceptores particulares, enquanto as crianças pobres não tinham acesso a educação como prioridade, eram considerados mão-de-obra. Para ela desde os grumetes que vieram nas embarcações de Portugal, as crianças escravas e

¹ PRIORI, Mary Del, História das crianças no Brasil, in. Apresentação, página 10, contexto, 1999

imigrantes “a melhor escola era o trabalho”^{2,2} Porém, em relação ao acesso a escola, atualmente ainda vivemos a mesma situação, e encontramos diariamente crianças trabalhando de diversas formas para contribuir com a renda familiar deixando de lado a escola.

Para Priore, não existe apenas uma infância no Brasil, mais várias. As diferenças e contrastes da nossa sociedade; a má distribuição de renda, concentração de poder, miscigenação, podem ter produzido sentimentos de infância distintos no Brasil.

Em sua obra Mary Del Priore, aborda a criminalidade através do artigo de Marcos Antonio Cabral dos Santos *crianças e criminalidade no início do século*, onde o autor expõe sobre a urbanização e industrialização da cidade de São Paulo nos primeiros anos da república e a elaboração de novas leis voltadas para a infância. Fala da sexualidade infantil no artigo *meninas perdidas de Martha Abreu*, da relação entre as crianças carentes e as políticas públicas, fala sobre o destino das crianças pobres, no artigo de Edson Passetti, onde o autor faz uma rápida abordagem mostrando como as crianças pobres até o XX viveram na dependência da caridade cristã e a partir das primeiras décadas do século XX passaram a receber maior atenção do governo, que dentre as suas principais ações criou os Códigos de menores de 1927 e de 1979, e o Estatuto da Criança e do adolescente de 1990.

Priore também, mostra como era a vida das crianças da elite e as crianças escravas entre a colônia e o império, através dos textos da própria Del Priore, de Ana Maria Mauad, José Roberto de Góes e Manolo Florentino.

Fala do trabalho infantil, nos artigos de Esmerelda Blanco, *Irma Rizzini*, *Ana Dourado*, *Christine Dabat* e *Teresa Correia de Araújo*.

² PRIORI, Mary Del, História das crianças no Brasil, in. Apresentação, página 10, contexto, 1999

Mas tanto Del Priori, Ariès e Colin fizeram menção aos problemas relativos às fontes. As crianças não registraram seu passado, suas histórias foram elaboradas por adultos. É desta forma que historiadores psicólogos antropólogos, sociólogos, e pedagogos buscam reconstruir como era ser criança no passado.

São pela voz dos médicos professores, padres, educadores, legisladores, que obtemos informações sobre a infância no passado. Essa fala, contudo, obriga o historiador a uma crítica e a uma interpretação da forma como o adulto retrata o estereótipo da criança ideal, aquela saudável, obediente, sem vícios. (Priore, 1999 p.15)

A também um outro problema que é o fato de que as crianças não deixaram muitos registros, a exemplo de brinquedos, ou seja, objetos de seu cotidiano, que não conseguiram resistir a o tempo.

O que exige uma análise mais crítica por parte dos historiadores, pois as fontes trazem consigo opiniões que os adultos têm sobre a infância.

Se a história da infância fosse escrita por crianças, possivelmente, ouviríamos depoimentos alegres e felizes; momentos de brincadeiras do amor e convívio com a família, com seus pares ou mesmo sozinho. Também teríamos depoimentos tristes; de situações vividas diariamente, como exploração, incompreensão sofridas, violência física e moral, injustiça, abandono aos quais um grande grupo de crianças foram expostas ao longo da história, mas teríamos acesso a sentimentos e sensações, diferentes dos descritos pelo adultos, seria um outro olhar sobre a infância.

Muitos mitos e representações são criados pelos adultos sobre a infância como um período pleno sem frustrações e perdas e por isso como os melhores dias de suas vidas, por isso muitas vezes vemos pessoas falando que gostaria de voltar a ser criança. Esse tipo de mito, geralmente mascaram os problemas sociais pelos quais passaram e passam as crianças. Este mito assim como outros devem ser desconstruídos da nossa sociedade. Muitas vezes também a criança é vista como um projeto do futuro, um ser em

passagem, quando na verdade devem ser vistas como agentes do presente, ou seja, agentes históricos.

Ou seja, a história sobre a criança de um modo geral se distancia um pouco da situação cotidiana da criança, seja pelos mitos que são construídos em torno de uma infância pura e feliz ou porque existe todo um interesse do governo, de instituições não governamentais, e autoridades em mostrar todo um aparato de leis voltados para a criança,

Para começar, a história sobre a criança feita no Brasil, assim como no mundo, vem mostrando que existe uma enorme distancia entre o mundo infantil descrito pelas organizações internacionais, pelas não governamentais e pelas autoridades, daquele no qual a criança encontra-se quotidianamente imersa. O mundo que a “criança deveria ser” ou “ter” é diferente daquela onde ela vive, ou na maioria das vezes sobrevive. O primeiro é feito de expressões como “a criança precisa”, “ela deve”, “seria oportuno que”, “vamos nos engajar em que” etc. até o irônico “vamos torcer para”. No segundo, as crianças são enfaticamente orientadas para o trabalho, o ensino, o adestramento físico e moral, sobrando-lhes pouco tempo para a imagem que normalmente se lhe está associada: aquela do riso e da brincadeira. (PRIORE, 1999, p.8)

No primeiro caso temos a imagem da criança feliz, com direito a escola, saúde, brinquedos etc. no segundo identificamos a criança pobre, que trabalha, que é explorada sexualmente, que vive drogada pelas ruas.

O ECA, que assegura direito a vida, o que não ocorre porque ainda temos uma considerável taxa de mortalidade infantil, segundo a Unicef é de 33,7 óbitos de menores de 5 anos para cada mil nascidos vivos em 2002 no mesmo período os óbitos de menores de 1 ano foi de 28,4 mesmo tendo havido uma baixa nos números a mortalidade infantil ainda inspira cuidados, o direito a comida também não é assegurado a criança, uma vez que, os números sobre a desnutrição são expressivos; a educação, também garantida pelo ECA, ainda não chegou para todas as crianças e muitas encontram-se fora da escola.

Porque somos insensíveis a mortalidade infantil? Porque não nos interessa o analfabetismo infantil? O abuso sexual de crianças? Porque ignoramos as crianças que trabalham de sol a sol, nos canaviais, nas minas de carvão, nas pedreiras, nas feiras, nas ruas e nos sinais vendendo balas ou mendigando?

Há muitas interrogações sobre como a infância foi vista no passado e atualmente. O que mudou? Se havia um sentimento de infância ou não? Mas algo é certo se admitirmos que as diferenças sociais constroem o sujeito, por isso, não encontraremos um só respostas a estas questões, mas devemos pensar em diferentes respostas, ou seja, o significado de infância como construção social vai variar de sociedade para sociedade e será influenciado pelas modificações sócio-culturais.

Diante da problemática que vive a criança no Brasil, e que viveu ao longo da história, precisamos nos debruçar sobre esta temática no sentido de entender um pouco de suas histórias, quer seja do passado ou do próprio presente, apesar das dificuldades em relação às fontes.

No Brasil, tanto os estudiosos de diferentes áreas estão se debruçando sobre a temática da infância, como também podemos perceber entre os artistas como Chico Buarque, Caetano Veloso, Cazuza e tantos outros que começam a denunciar em suas músicas a problemática que vem crescendo nas grandes e também pequenas cidades: a marginalização crescente da criança.

Obviamente muitas questões já foram pensadas e tantas outras ainda serão e em sua grande maioria não temos as respostas, apenas problematizamos na tentativa de buscar entender a infância no passado e na atualidade.

Neste trabalho, buscamos analisar como Chico Buarque de Holanda retrata a infância brasileira através da letra de suas músicas, pois, compreendemos que tanto quanto, a política, a economia, as artes sofrem influência do momento histórico atual. Assim, poderemos supor que as artes

como um todo, e, mais especificamente, a música não são alheias ao que acontece no país, ao contrário é um veículo de denúncia constante.

CAPITULO II

CRÍTICA SOCIAL A INFÂNCIA NA OBRA MUSICAL DE CHICO BUARQUE.

1.1- A critica social na obra musical de Chico Buarque

Francisco Buarque de Hollanda, mais popularmente conhecido como Chico Buarque, é uma figura importantíssima para a música popular brasileira (MPB), dono de uma vasta obra; na música, literatura, e cinema é considerado por muitos um gênio. Influenciado por: Noel Rosa, Ismael, Wilson Batista, Geraldo Pereira, Custódio Mesquita, Ari Barroso dentre outros. Além da influência dos seus compositores prediletos, a sua música, soma-se a o amor pelo carnaval, futebol, samba e as manifestações populares que fizeram dele um critico da sociedade na qual está inserido (Chico, 1989)³

De acordo com o próprio Chico Buarque, ele só passou a se identificar e gostar de suas músicas a partir de 1965 quando compôs *Pedro Pedreiro: Sonho de carnaval* ainda estava parecido com alguma coisa, eu tinha essa impressão. E *Pedro pedreiro* era diferente de tudo, eu já comecei a gostar mesmo do que eu fazia como eu gostava antes das coisas que os outros faziam. (Chico, 1966).⁴

Foi a identificação do que ele queria fazer, ou seja, uma crítica social, através de sua música, com personagens criados para identificar a pessoa comum. Nessa fase de sua vida ele compôs músicas nostálgicas sentimentais, assim como também criticas as injustiças sociais e sobretudo a repressão. Nesta fase destaca-se *A Banda*, onde a alegria substituía a tristeza durante a

³ CHICO, em entrevista a rádio Eldourado, 27/09/89.

⁴ CHICO, em entrevista a o Museu da Imagem e do Som, 11/11/1966.

passagem da Banda, *A minha gente sofrida/despeditu-se da dor/ pra a banda passar/ contando coisas de amor.*

Mas em 1970, começa a surgir uma segunda fase em suas composições com o disco *Construção*, ele buscou uma compreensão maior do cotidiano, em busca de dar vozes aos excluídos, do momento econômico que atravessava o país (ditadura militar, milagre econômico) neste disco ele faz severas críticas a ditadura militar e a relata a vida difícil de milhares de trabalhadores, invisíveis:

Se a gente continuar dividindo o trabalho, você vai ter, desde *Construção* até *Meus caros amigos*, toda uma criação condicionada ao país em que eu vivi. Tem referências a isso o tempo todo. Existe alguma coisa de abafado, pode ser chamado de protesto... eu nem acho que eu faça música de protesto... mas existem músicas aqui que se referem imediatamente à realidade que eu estava vivendo, à realidade política do país. Até o disco da samambaia, que já é o disco que respira o disco onde as músicas censuradas aparecem de novas. Não havia mais a luta contra a censura. Enfim, a luta contra a censura, pela liberdade de expressão, está muito presente nesses cinco discos dos anos 70. São discos com a cara dos anos 70. *Construção*, *Quando o Carnaval Chegar*, *Caetano e Chico ao vivo*, *Calabar*, que nem se chamou *Calabar*, ficou sendo só *Chico Canta*, *Sinal fechado*, onde eu canto só músicas de outros compositores, e *Meus caros amigos*. Disco por disco, você vai ver isso. Fica bastante claro que a partir de 78 minha música está respirando melhor. (Chico 1989)⁵

Através de suas composições, ele deu vozes a personagens do dia-a-dia os excluídos como, os trabalhadores, prostitutas e crianças, malandros e mais. Dentre estes personagens ele também destacou as crianças, em seus trabalhos. Em 1977 ele dedicou um disco inteiro as crianças *Os Saltimbancos*, depois de muita dificuldade em produzi-lo porque segundo ele:

O meu interesse em relação à arte para as crianças surgiu a partir de minha experiência pessoal com os meus filhos. Notei que as crianças não têm o que ler fora o que e lhes é empurrado pela televisão, não existe absolutamente nada. Inclusive há uma grande desconfiança por parte de todos

⁵ CHICO, em entrevista a revista Versus, 08/09/77.

os meios de produção em relação a coisas para criança. Resolvi então fazer este disco para criança, principalmente porque tinha toda uma base gravada. Duvido que se gastasse o que se gastou lá em pesquisa, em orquestra para criança.(CHICO, 1977).⁶

O mesmo fazia parte uma peça adaptada do texto do italiano Sergio Bardotti inspirado no conto “os músicos de Bremen”, dos irmãos Grimm, mesmo produzindo para o público infantil apresenta uma crítica e põe em discussão as formas de organizações sociais, em um momento em que o povo brasileiro começava a falar em abertura política e as entidades reprimidas pela ditadura militar começaram a dialogar sobre sua rearticulação. Em 1981 ele compôs Os Saltimbancos Trapalhões, uma adaptação de *Os Saltimbancos* para o cinema, o filme foi estrelado pelos trapalhões, Didi (Renato Aragão), Zacarias, Mussum e Dedé Santana, também foi produzido um disco direcionado a o publico infantil. Estes foram os seus dois únicos trabalhos totalmente direcionado a infância.

Em seus outros discos ele também trabalhou dirigiu algumas canções a infância, a exemplo da *Ciranda da Bailaria*, *Doze Anos* e mais.

Destas algumas contém um forte crítica a situação social em que se encontravam as crianças na época de sua composição. Nos analisaremos agora três destas composições, que trazem a tona situações vividas pelas crianças entre os anos 70 e 80, mas que não difere da atualidade.

Monsieur have money per mangiare
 No sinal fechado/
 Ele vende chiclete/
 Capricha na flanela/
 E se chama Pelé/
 Pinta na janela/
 Batalha algum trocado/
 Aponta um canivete/
 E até/
 Dobra a Carioca, olerê/
 Desce a Frei Caneca, olará/
 Se manda pra Tijuca/
 Sobe o Borel/
 Meio se maloca/
 Agita numa boca/

⁶ DOWDNEY Crianças no Tráfico, pagina 112, 2003.

Descola uma mutuca/
E um papel/
Sonha aquela mina, olerê/
Prancha, parafina, olará/
Dorme gente fina/
Acorda pinel/

Fatura uma besteira/
E tem as pernas tortas/
E se chama Mane/
Arromba uma porta/
Faz ligação direta/
Engata uma primeira/
E até/
Dobra a Carioca, olerê/
Desce a Frei Caneca, olará/
Se manda pra Tijuca/
Na contramão/
Dança pára-lama/
Já era pára-choque/
Agora ele se chama/
Emersão (Airtão)/
Sobe no passeio, olerê/
Pega no Recreio, olará/
Não se liga em freio/
Nem direção
(Francis Hime, Chico Buarque, 1978)

Embora composta há 26 anos atrás, a canção Pivete de Chico relata um problema que perdura até os dias de hoje em nossa sociedade, composta na década de 70 quando o Brasil foi assolado por um quadro de pobreza e desigualdade social, era movido por um acelerado processo de industrialização que desencadeou no “milagre econômico”, ele observou os excluídos deste modelo econômico, os pivetes faziam parte deste quadro. Atualmente estas crianças ainda encontram-se nas ruas, e é muito comum para nós chamá-los de pivetes ou meninos de rua, esse é o principal estereótipo utilizado para designar estas crianças.

Se Chico Buarque já denunciava a presença de crianças ou como eram denominados, pivetes, nas ruas das cidades vendendo chicletes, limpando os carros que param durante o sinal fechado em troca de uma moeda, Mary Del Priore, em 2001, descreve situação semelhante em que continua as crianças brasileiras:

Quem não passou por essa cena? No farol fechado, sentados no volante pressentimos a mãozinha que se estende, brincalhona e curiosa, para o vidro do carro: “Tem um trocado tia?” Nunca temos o trocado ou, tão pouco, paciência. Na verdade, o hábito de crianças mendigando nos cruzamentos da cidade tornou-se tão corriqueiro que apesar de sua presença constante, não as vemos mais. (2001, p. 117)

Em pleno século XXI temos a descrição de Priore, semelhante a de Chico Buarque. O que mudou? As crianças continuam como flanelinha ou vendendo chicletes, nos sinais, provocando medo na pessoa que está no volante dos carros, quando o carro para e elas se aproximam para pedir um trocado. Hoje, já percebemos o tom ameaçador em que ela pede, na verdade, encontram-se dogradas e geralmente já não escondem mais o vidro de cola em suas mãos. Estas crianças já *não se liga em freio Nem direção*. O que imaginam para o futuro? Ser um Ronaldinho? Craque de futebol e ganhar muito dinheiro? Talvez!

Este problema não é recente ele vem se repetindo a o longo da história. Como observou, Mary Del Priori (2001,p. 117)

Pouca gente sabe que as “crianças de rua existem desde o século XVI. vieram de Portugal nas naus que trouxeram os primeiros jesuítas. (...) as crianças negras do agro fluminense, transmutaram-se nos “Pivetes” da Belle Époque e, hoje, nos meninos de rua. (...) No século XVIII, com a urbanização do Brasil Colônia, o número de crianças abandonadas pelas ruas de Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo cresceu. Mães pobres livres ou escravas, (...) ora abandonavam seus rebentos em praias, portas de igrejas e terrenos baldios, ora os encaminhavam à roda das Santas Casas de Misericórdia.

No século XIX, após a aprovação da Lei do Ventre Livre muitas foram as escravas que tiveram que abandonar seus filhos, devido a exigência de seus senhores. “outra prática que colocou centenas de crianças nas ruas foi a de entregar recém-nascidos aos cuidados de amas-de-leite. Disseminada no século XIX” (PRIORE, 2001,p.118).

Os “meninos e meninas” de rua são crianças que utilizam a rua como espaço de trabalho e sustento, retornando assiduamente a suas casas; as que

vivem com suas famílias na rua; e aquelas em processo de rompimento ou que já romperam os laços familiares, fazendo da rua seu espaço de vida". São vários os motivos que os levam a procurarem a rua. Para complementar a renda familiar, por que gosta, para mendigar, por conflitos familiares, porque são filhos de morador de rua, para roubar ou pelas drogas, eles passam a vagar pelas ruas em busca de fugir dos problemas domésticos e dos lugares onde vivem geralmente favelas e bairros de periferia. Elas permanecem a margem da sociedade em sua luta cotidiana pela sobrevivência, e nessa buscam fazer um pouco de tudo para sobreviver.

No início da industrialização em São Paulo, crianças pequenas eram empregadas na indústria e em toda a sorte de manufatura (...) no ano de 1920, a participação da mão-de-obra infantil era da ordem de 7%.(PRIORE, 2001, p. 119).

Hoje dezenas de crianças também são exploradas em diferentes tipos de atividades, são meninas que trabalham como domésticas, babás, vendem balas, etc, meninos que trabalham nas estações rodoviárias, ferroviárias, como vendedores engraxates, nas pequenas cidades trabalham nas feiras, supermercados carregando mercadorias, sacolas, carroças, trabalham em fábricas, pedreiras, canaviais, minas de carvão, enfim, como diz Priore, (2001, 120) "nosso país tem uma tradição, de centenas de anos de insensibilidade diante da infância pobre e desvalida".

O consumo de drogas está presente no cotidiano desses jovens, podendo, inclusive, ser considerado como parte integrante de um estilo de vida específico do grupo. Além disso, o tipo de droga usada também é variável. Porém, a inserção da droga na rotina da vida dessas crianças e adolescentes em situação de rua é constante, a mais comum é o solvente. As drogas caminham lado a lado com o crime, usada por eles para fugir da situação de miserabilidade em que se encontram, eles cometem furtos maiores para poder consumir drogas. Estes meninos deparam-se também com a violência, como Chico Buarque descreve em sua canção.

Inseridos em meio a uma cultura de consumo, estes meninos também são seduzidos pelos produtos anunciados como detentores de felicidade, mesmo imersos a o ambiente da rua, eles tem contato com as propagandas. E como as crianças e adolescente de hoje sonham com a felicidade prometida pelo ato do consumo. No momento em que o menino sonha com a prancha evidencia esta cultura de consumo.

Outra música em que Chico Buarque denuncia a situação da criança brasileira é *Meu Guri*:

Quando, seu moço, nasceu meu rebento/
 Não era o momento dele rebentar/
 Já foi nascendo com cara de fome/
 E eu não tinha nem nome pra lhe dar/
 Como fui levando, não sei lhe explicar/
 Fui assim levando ele a me levar/
 E na sua meninice ele um dia me disse/
 Que chegava lá/
 Olha aí/
 Olha aí/
 Olha aí, ai o meu guri, olha aí/
 Olha aí, é o meu guri/
 E ele chega

Chega suado e veloz do batente/
 E traz sempre um presente pra me encabular/
 Tanta corrente de ouro, seu moço/
 Que haja pescoço pra enfiar/
 Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro/
 Chave, caderneta, terço e patuá/
 Um lenço e uma penca de documentos/
 Pra finalmente eu me identificar, olha aí/
 Olha aí, ai o meu guri, olha aí/
 Olha aí, é o meu guri/
 E ele chega

Chega no morro com o carregamento/
 Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador/
 Rezo até ele chegar cá no alto/
 Essa onda de assaltos tá um horror/
 Eu consolo ele, ele me consola/
 Boto ele no colo pra ele me ninar/
 De repente acordo, olho pro lado
 E o danado já foi trabalhar, olha aí/
 Olha aí, ai o meu guri, olha aí/
 Olha aí, é o meu guri/
 E ele chega

Chega estampado, manchete, retrato/
 Com venda nos olhos, legenda e as iniciais/

Eu não entendo essa gente, seu moço/
Fazendo alvoroço demais/
O guri no mato, acho que tá rindo/
Acho que tá lindo de papo pro ar/
Desde o começo, eu não disse, seu moço/
Ele disse que chegava lá/
Olha aí, olha aí/
Olha aí, ai o meu guri, olha aí/
Olha aí, é o meu guri
(Chico Buarque, 1981)

Canção *O Meu Guri* Chico Buarque, mostra como é vida de um menino pobre, como vários meninos deste país, que moram em favela., e logo cedo, encontra nos furtos, roubos, assaltos, a saída da miséria. Na música o chamado guri chega todos os dias em casa com objetos, dinheiro e a mãe aparentando uma certa ingenuidade em relação a atividade do filho fica rezando todos os dias para que ele chegue em casa, porque *essa onda de assalto tá um horror*. Ou seja, ela não percebe o mundo em que o filho está envolvido, nem mesmo quando ele aparece nas manchetes de jornal ela diz não entender tanto alvoroço dessa gente em relação aos seu filho, que em casa se mostra um guri dócil e carinhoso.

Ou seja, outro ponto tratado na música muito comum, é o amor dos adolescente para com suas mães, muitas vezes estereotipados pela sociedade como; criminosos, pivetes, trobadinhas eles demonstram um amor materno latente, muitas vezes ignorados pela sociedade ao julgar estes meninos.

Ele finaliza a descrição da música mostrando a mãe ainda sem entender direito mas encontrando o filho morto no mato, situação ainda mais comum no século XXI. Quando diariamente encontramos nos jornais das grandes e pequenas cidades fatos como os descritos na música .

O desfecho da música nos leva a morte do adolescente que é o que acontece com muitos adolescente envolvidos no tráfico de droga ou no mundo do crime, a morte precoce, muitas vezes ela ocorre pelo extermínio de grupos armados, que se dizem justiceiros, ou pelas disputas internas do tráfico pela delação ou pela própria polícia.

O trafico de drogas impõe regras e o desrespeito desta muitas vezes coloca como punição a morte. Como relata o soldado do trafico.

E – Se uma pessoa pega uma carga e não der de volta o dinheiro, o que acontece? T – Ah, aí ele embuliu na carga, aí ele morre, toma um pau, depende do patrão. Se o patrão fala que ele vai morrê, ele vai morrê, mano. Soldado, 16 anos (Downey, 2003.p.120)

Composta em 1981 quando o Brasil entrou em recessão, a inflação disparou e o desemprego e a pobreza aumentaram. A situação retratada nos anos oitenta por chico é vivenciada hoje.O menino nasce em meio a pobreza e a fome. Segundo o IBGE em 2003, mais de um milhão de pessoas moram em favelas em todo o país, e estes moradores enfrentam problemas como; a pobreza, e uma série de outros gerados pela falta de assistência do Estado.

Vivendo em situação de miserabilidade, muitas destas crianças se sentem obrigadas a trabalhar se inserindo, precocemente no trabalho infantil, para garantir sua sobrevivencia pessoal ou a de sua familia ou se insere no meio da criminalidade como demonstra a música, onde o menino se envolve desde cedo com o trafico de drogas e em atividades criminosas como furtos e assaltos.

São muitos o motivos que levam este meninos a criminalidade e ao trafico; dominação pelas facções da droga, pobreza, falta de acesso ao mercado de trabalho formal, o tráfico como ocupação aceita e que oferece atrativos; Status, dinheiro, acesso aos bens de consumo, ascensão social através de sistema que recompensa, lealdade e a adrenalina, além da influência; dos grupos de referência, envolvimento dos pais ou parentes no tráfico, envolvimento de amigos com o tráfico e a falta de unidade familiar.

Para a criança inserida em uma sociedade de consumo a exclusão e o sentimento de exclusão é imediato, pois em uma sociedade onde as relações se dão pela capacidade de consumo do sujeito, o desejo de consumo de produtos fetcizados pelos mesmos como; tenis, roupas, produtos eletronicos, e mais. Levam muitos jovens a marginalidade em busca de recussos financeiros para

possuir estes objetos e não se sentirem excluídos socialmente. Ah minha mãe trabalha e o dinheiro que ela recebe não dá prá comprar o negócio que eu quero, tinha que correr atrás mesmo e foi essa a vida que eu escolhi. (*Vapor, 14 anos*)⁷

A novidade/
 Que tem no Brejo da Cruz/
 É a criançada/
 Se alimentar de luz
 Alucinados/
 Meninos ficando azuis/
 E desencarnando/
 Lá no Brejo da Cruz
 Eletrizados/
 Cruzam os céus do Brasil/
 Na rodoviária/
 Assumem formas mil
 Uns vendem fumo/
 Tem uns que viram Jesus/
 Muito sanfoneiro/
 Cego tocando blues
 Uns têm saudade/
 E dançam maracatus/
 Uns atiram pedra/
 Outros passeiam nus
 Mas há milhões desses seres/
 Que se disfarçam tão bem/
 Que ninguém pergunta/
 De onde essa gente vem
 São jardineiros/
 Guardas noturnos, casais/
 São passageiros/
 Bombeiros e babás
 Já nem se lembram/
 Que existe um Brejo da Cruz/
 Que eram crianças/
 E que comiam luz
 São faxineiros/
 Balançam nas construções/
 São bilheteiras/
 Baleiros e garçons
 Já nem se lembram/
 Que existe um Brejo da Cruz/
 Que eram crianças/
 E que comiam luz

⁷ UNICEF, a explicar as conseqüências da desnutrição infantil. Há mais um ponto a ser considerado ao avaliar a situação nutricional da infância. Os indicadores de peso, altura e idade servem apenas para medir a desnutrição proteico-calórica, a mais importante das deficiências nutricionais, porém existem outras que representam riscos sérios para as crianças, como anemia ferropriva (carência de ferro), carência de vitamina A e carência de iodo. A falta desses micronutrientes é chamada de fome oculta, porque, apesar de causar danos sérios à saúde, não se trata de um problema visível.

Em *Brejo da Cruz* 1984, nome de uma cidade Paraibana localizada na região do semi-árido nordestino, ele relata o problema, comum á esta região. A fome, que está sempre relacionada à pobreza e as desigualdades sociais, nesta região gerada por longos períodos de seca, que desde o século XVI, vem sendo apontada em registros históricos. A fome gera a desnutrição infantil, e esta por sua vez gera uma serie de outros problemas de saúde, segundo Colin este problema já foi percebido pelo historiador McKeown nas décadas de 1950 e 1960.

Ele aceitou que a redução importante, da mortalidade [...]. Por fim, com todos os grupos etários experimentando reduções substantivas na mortalidade por tuberculose, tifo e febres relacionadas, ele chegou à melhoria na alimentação como fator de aumento de resistência a essas doenças. (COLIN, 2004 p.199)

Ele associou o alto índice de mortalidade infantil, há uma má alimentação, o que ocorre com as crianças atualmente no semi-árido. Como não tem uma alimentação adequada Chico observa, *alucinados/ meninos ficando azuis*, esta é uma outra consequência do estado de desnutrição, a anemia, que afeta o crescimento e provoca a baixa estatura, e segundo Colin também foi observado.

Os pesquisadores dessa área fazem a suposição de que a “ a taxa de crescimento de uma criança reflete, melhor do qualquer outro indicador isolado, seu estado de saúde, e muitas vezes, também, sua situação psicológica” (HEYWOOD, 2004. p. 197, 198)

Enfim a desnutrição relatada por Chico na canção não é um problema atual, tem precedentes históricos, segundo o relatório do UNICEF, Já a relação entre peso e estatura indica o estado nutricional atual da criança, por isso, revela casos de desnutrição aguda, que precisam de intervenção imediata⁸. (UNICEF, 2006.p. 3). Se não houver a intervenção leva os meninos a desencarnarem, ou seja, a morte. Levantada por Chico na música. Atualmente este quadro tem diminuído, mas ainda é alarmante.

Faz parte também da canção uma denuncia sobre a exploração do trabalho infantil, muito comum na história crianças trabalharem “para manterem a si e as suas famílias”. Esta situação ainda é vivida por várias crianças do no

nosso país atualmente, inclusive, pelos meninos da canção que desenvolvem várias atividades para obter dinheiro.

Finalizando a música aborda o processo migratório, realizado por estas crianças quando crescem para a região sudeste em busca de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalhar com infância, nos deparamos com alguns problemas, um deles a que ainda é pequena a produção sobre o tema, além do problema das fontes que geralmente partem de uma visão adulta, e quando se trabalha infância através de músicas, fica ainda mais difícil, pois, são poucos os trabalhos sobre música como fonte documental, para nos levar a luz, do tema.

Mas o mais, difícil quando se trabalha o tema infância é ouvir relatos de como elas eram abandonadas, e marginalizadas, exploradas e mais uma série de descasos cometidos contra elas. Embora sua história não seja apenas isto tendo havido momentos em que lhes fora direcionados amor. E perceber que tudo a que elas foram submetidas ao longo da história, não serviu de exemplo para que atualmente, elas não se encontrassem ainda nesta situação.

Ouvir, as canções, de Chico Buarque é observar estes traços de descaso histórico, para com a infância, não apenas aqui no Brasil. Ao ter acesso a o relatório da UNICEF percebe-se que esse descaso ainda é mundial. E no caso do Brasil, é maior, pois, vemos um constante desrespeito as leis criadas para proteger as crianças (ECA).

Chico Buarque observa minuciosamente as várias situação vividas pelas crianças no Brasil, e se observarmos bem o ECA foi elaborado depois da composição destas músicas, mas elas relatam uma seqüência de desrespeito a estas leis que ainda acontecem atualmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, Philippe. **História da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BLANCO. Esmeralda. **Mulheres e Menores no Trabalho Industrial**. Petrópolis: Vozes, 1982.

DOWDNEY. Luke, **Crianças do tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no rio de janeiro**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003.

HEYWOOD, Colin. **Uma História da Infância: da Idade Média à época contemporânea no ocidente**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MENEZES, Mozart Vergetti de. **Prevenir, Disciplinar e Corrigir: As Escolas Correccionais no Recife (1909-1929)**. Recife: UFPE, 1995. (Dissertação de Mestrado).

PRIORE, Mary Del (org). **História da Criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SOUZA, Solange Jobim e (org). **Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Sete Letras, 2005.

Disponível em: <http://www.chicobuarque.uol.com.br/hp_direita.htm. Acesso em: 18. janeiro. 2007.